



## “O futuro de nossas Igrejas”: o desafio missionário, fundamentado na teologia luterana<sup>1</sup>

“The future of our churches”: the missionary challenge, based on Lutheran  
theology

Martin T. Dietz<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo reflete acerca da teoria e da prática missionárias em perspectiva luterana. Em um primeiro momento, faz um breve apanhado histórico, que indica que a temática da missão teve, ao longo do tempo, uma trajetória continuamente ameaçada de marginalidade ou até de exclusão, na tradição associada a Martin Lutero. Num segundo momento, o artigo constata o consenso atual em torno da relevância da missão na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), consenso esse que se concretiza no chamado “Plano de Ação Missionária da IECLB” (PAMI). São apresentadas, a seguir, duas sugestões para a reflexão missiológica e a prática missionária, na perspectiva da tradição luterana: uma, a partir da teologia da cruz; outra, com enfoque na liberdade cristã. O texto encerra com reflexões sobre desafios e perspectivas futuras para a IECLB.

**Palavras-chave:** Missão; Luteranismo; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

**Abstract:** This article discusses missionary theory and practice from a Lutheran perspective. Initially, it briefly describes their history, indicating that the topic of mission was, in the tradition associated with Martin Luther, constantly threatened by the secondary position assigned to it and sometimes was even banned altogether. Then the article presents the current consensus on the relevance of Mission in the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB), a consensus materialized in the so-called “IECLB’s Plan of Missionary Action” (PAMI). After that, two suggestions for the missiological reflection and the missionary practice are presented from the point of view of Lutheran tradition: the first one is based on the theology of the cross and the second emphasizes Christian liberty. The text ends with reflections about challenges and future perspectives for the IECLB.

**Keywords:** Mission; Lutheranism; Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil

<sup>1</sup> Recebido em 16 de março de 2022. Aceito em 20 de maio de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

Texto apresentado, originalmente, durante a consulta entre representantes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e da Igreja Evangélico-Luterana na Baviera (Evangelisch-Lutherische Kirche in Bayern [ELKB]) (Rothenburg/Tauber [Alemanha], 04-07.09.2017); revisado e com bibliografia ampliada. À época de sua apresentação oral, o autor do presente texto estava vinculado à Faculdade EST (São Leopoldo), por meio da Cátedra Contextual de Pesquisa em Lutero, financiada pela ELKB. O título da palestra e do artigo se orientam pelo tema geral da consulta. As aspas foram acrescentadas para o presente texto no intuito de sinalizar o fato de se tratar de uma temática refletida em um lugar concreto e específico, não genérico.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Universidade de Erlangen (Alemanha; 2011). Pastor da IECLB. E-mail: martin.dietz@hotmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9153-3774> .



## Introdução

“Já em 1625, o teólogo de Wittenberg Balthasar Meisner [1587-1626<sup>3</sup>] se queixa por perceber no luteranismo uma ausência de missão entre judeus, turcos e gentios”<sup>4</sup>. Com essa constatação, Volker Stolle inicia o posfácio a uma coletânea de textos de Lutero sobre o tema “missão”, editada pelo próprio Stolle. Segundo ele, até o ano da publicação da mencionada coletânea e também dos 500 anos do nascimento de Lutero, a situação “não se alterou substancialmente. Ainda hoje, as Igrejas nos tradicionais países da Reforma constituem a maior parte do luteranismo mundial. Seguem Igrejas das Américas do Norte e do Sul, e da Austrália. O crescimento propriamente missionário e a participação de Igrejas jovens são, em comparação com outras famílias confessionais, muito pequenas”<sup>5</sup>. Enquanto, segundo Stolle, entre a primeira metade do séc. XVII e a segunda metade do séc. XX pouca coisa mudou no quesito “missão luterana”, em 2017 a situação parece se apresentar de uma outra forma. Pois o crescimento de Igrejas Luteranas nos continentes africano e asiático nas últimas décadas nos dá um quadro distinto do descrito por ele. Atualmente, podemos afirmar: missão luterana existe – e frutifica<sup>6</sup>.

Apesar disso, a pergunta pela relação de Lutero bem como da teologia e das Igrejas Luteranas com a missão permanece, a meu ver, sendo fonte de inquietação. Fato é que, p. ex., a obra editada por Stolle é uma seleção de passagens esparsas extraídas, como que garimpadas de textos maiores de Lutero. Ou seja: ao passo que Lutero escreveu tratados, por vezes longos, sobre temas teológicos e éticos os mais diversos, até onde vejo não existe na sua obra um escrito que se ocupe especificamente da questão da missão<sup>7</sup>. Aqui e ali aparecem referências avulsas e,

<sup>3</sup> Sobre Meisner cf. APPOLD, Kenneth. Verbete “Meisner”, Balthasar. In: BETZ, Hans Dieter et al. (ed.). *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2002. v. 5, col. 996.

<sup>4</sup> STOLLE, Volker. *Kirche aus allen Völkern*. Luther-Texte zur Mission. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1983. p. 91 (tradução própria).

<sup>5</sup> STOLLE, 1983, p. 91.

<sup>6</sup> Cf. KNUTH, Hans Christian. Verbete “Luthertum/Lutheraner II. Lutherische Kirchen in der Gegenwart”. In: BETZ, Hans Dieter et al. (ed.). *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2002. v. 5, col. 614-615. Para breves informações sobre a presença missionária luterana nos continentes africano, asiático e – menor – na América Latina até o início da década de 1990 cf. BACHMANN, E. Theodore. Verbete “Lutherische Kirchen”. In: FAHLBUSCH, Erwin et al. (ed.). *Evangelisches Kirchenlexikon: internationale theologische Enzyklopädie*. 3. ed. (nova versão). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 3: L – R, col. 203-208. Já três ou quatro décadas atrás, a avaliação de Stolle sobre a presença das Igrejas Luteranas nas mencionadas áreas e, com isso, do luteranismo como um todo provavelmente não era de todo exata. Números atuais sobre as Igrejas Luteranas filiadas à Federação Luterana Mundial podem ser consultados sob <https://www.lutheranworld.org/content/member-churches> (Acesso em: 28 dez. 2021). Para as Igrejas associadas ao Conselho Luterano Internacional cf. <https://ilc-online.org/> (Acesso em: 28 dez. 2021).

<sup>7</sup> Nesse sentido também vale a constatação de BRANDT, Hermann. Missão como marca da Igreja (*nota ecclesiae*): A contribuição da missão luterana para a edificação de comunidade. In: BRANDT, Hermann. *O encanto da missão: ensaios de missiologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal; EST; CEBI, 2006. p. 55. Segundo ele, “a respeito de missão nada consta em Lutero”.



geralmente, pouco extensas à tarefa da Igreja de testemunhar o Evangelho a pessoas e grupos que não professam a fé cristã. O pai da missiologia protestante, Gustav Warneck (1834-1910), deve ter tido seus motivos para, na segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, fazer avaliação similar à de Meisner e julgar que “a Reforma foi decepcionante em termos missionários [e que] a dificuldade do luteranismo com a missão e a teologia da missão viria de longe, desde o início da Reforma e até mesmo da teologia do Reformador”<sup>8</sup>. A partir dessa perspectiva, os esforços missionários envidados, p. ex., por missionários pietistas sob a influência de August Hermann Francke (1663-1727)<sup>9</sup> e do conde Nicolau von Zinzendorf (1700-1760)<sup>10</sup> parecem pontos fora da curva, exceções que confirmam uma determinada regra<sup>11</sup>. A missão, nesse caso, teria acontecido não *por causa*, mas *apesar* da teologia luterana. Em conformidade com a convicção e a prática majoritárias do luteranismo do período da chamada Ortodoxia Protestante parece ter estado a Faculdade de Teologia de Wittenberg em sua resposta ao barão Justinian von Welz (1621-1668)<sup>12</sup>, o qual, em três tratados, havia enfaticamente declarado a necessidade do engajamento missionário da Igreja<sup>13</sup>. De acordo com os teólogos de Wittenberg, a Grande Comissão de Mt 28.18-20 teria sido dada apenas aos apóstolos. À sua maneira, os apóstolos completaram o mandato de “fazer discípulos de todas as nações”. Assim sendo, os povos não cristãos seriam nações que rejeitaram a pregação apostólica e, por consequência, não teriam o direito de exigir uma segunda chance de conhecer o Evangelho. Finalmente, alegaram que a tarefa de propagar o Evangelho cabe aos

<sup>8</sup> ZWETSCH, Roberto E. *Teologia e prática da missão na perspectiva luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 8.

<sup>9</sup> Sobre os esforços missionários a partir de Halle (Alemanha) na colônia dinamarquesa em Tranquebar, no sudeste da Índia (“a primeira iniciativa missionária na história do protestantismo alemão”) cf. as poucas informações em SCHNEIDER, Hans. [VIII.B.] O protestantismo. In: KAUFMANN, Thomas et al. (org.). *História Ecumênica da Igreja 2: da alta Idade Média até o início da Idade Moderna*. Trad. Irineu Rabuske. São Paulo: Loyola e Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 533.

<sup>10</sup> Sobre a obra de Zinzendorf cf. SCHNEIDER, 2014, p. 541-545. Até “a morte de Zinzendorf[,] membros da irmandade de Herrnhut [sc. propriedade de Zinzendorf onde foram inicialmente abrigados os chamados ‘Irmãos Morávios’] estabeleceram trabalhos missionários em 28 regiões do mundo. Pela primeira vez, desde os tempos do cristianismo primitivo, uma comunidade voltou a enviar seus próprios membros como missionários” (ibid., p. 542).

<sup>11</sup> Cf. ZWETSCH, 2009, p. 13-19. Provavelmente, haveria ainda muitos outros “pontos fora da curva” a serem descobertos e destacados. Entre eles podem constar as tentativas de obreiros, enviados no séc. XIX pela Sociedade Missionária de Basileia, de alcançar pessoas que não fossem de origem alemã, abrindo-se para outras culturas, no Brasil. Cf. a respeito o instrutivo artigo de FLUCK, Marlon Ronald. Luteranismo ‘de missão’ no Brasil: um sonho irrealizável?: alguns estímulos a partir da ação dos obreiros de Basileia no século XIX. *Estudos Teológicos*, v. 32, n. 2, p. 172-191, 1992.

<sup>12</sup> Sobre Welz, “precursor da missão mundial protestante” (“Vorkämpfer der prot[estantischen] Weltmission”), influenciado por tendências místico-espiritualistas e desaparecido no Suriname, cf. RAUPP, Werner. Verbete “Welz, Justinian Ernst Baron v[on]”. In: BETZ, Hans Dieter et al. (ed.). *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. v. 8, col. 1453-1454. Wel[t]z é nome recorrente na literatura quando o assunto é missão luterana.

<sup>13</sup> Cf. BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2014. p. 303-308.



governantes dos respectivos territórios. O sistema de padroado, conforme praticado nas colônias de Portugal e da Espanha no continente americano, poderia, quem sabe, ter correspondido a esse último critério proposto pelos teólogos ortodoxos protestantes<sup>14</sup>.

## Lutero e a missão

Os professores da Faculdade de Wittenberg, pelo visto, desconheciam ou, então, conscientemente ignoraram reflexões de Lutero que afirmaram, expressamente, a tarefa missionária da Igreja de todos os tempos e lugares, não apenas do período apostólico. No que diz respeito a Lutero, Joachim Fischer constata que toda a teologia do Reformador tem cunho missionário, tendo em vista que o Evangelho é força missionária<sup>15</sup>. O Evangelho é boa notícia e carrega em si o ímpeto e o anseio por ser levado adiante, ser anunciado. Em relação à missão valeria, portanto, o que também se constata em relação à pneumatologia em Lutero: missão e Espírito Santo não precisam ser destacados à parte, de forma isolada, pois são constituintes integrais, orgânicos, de todo o pensar do Reformador. Todo o seu refletir teológico está a serviço do anúncio do Evangelho. Não observar esse detalhe pode gerar a falsa impressão de um déficit missiológico bem como de uma amnésia pneumatológica em Lutero. Isso não impede Lutero de também fazer referência explícita tanto à tarefa missionária da Igreja quanto ao Espírito Santo como sua força motriz. Especialmente no que diz respeito à missão, porém, ele pode recorrer a linguagem e terminologia distintas das nossas.

À natureza do Evangelho corresponde o seu objetivo de alcançar o mundo inteiro<sup>16</sup>. À sua maneira, Lutero de antemão contesta, portanto, a posterior opinião da Faculdade de Wittenberg, quando faz referência a “muitas ilhas e terras” recém-descobertas pelos europeus, “nas quais até agora, em 1.500 anos, não apareceu nada” do Evangelho<sup>17</sup>. Supõe-se que as “ilhas e terras” mencionadas por Lutero sejam uma referência àquilo que convencionamos chamar de América. Cumpre levar àqueles povos que não conhecem o Evangelho essa boa notícia de Jesus Cristo. Enquanto isso, também pessoas batizadas precisam da pregação do Evangelho, de modo que possam chegar à fé.

<sup>14</sup> Sobre direitos e deveres atribuídos pelo sistema de padroado aos reis da Espanha e de Portugal nos continentes americano, asiático, e africano cf. KAROTEMPREL, Sebastian. Verbete “Padroado-Propaganda-Konflikt”. In: BETZ, Hans Dieter et al. (ed.). *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003. v. 6, col. 791.

<sup>15</sup> Cf. FISCHER, Joachim. Reforma luterana e missão. *Estudos Teológicos*, v. 41, n. 3, p. 5-21, dez. 2001.

<sup>16</sup> Cf. para o que segue as referências a textos de Lutero em FISCHER, 2001, p. 6-11.

<sup>17</sup> FISCHER, 2001, p. 7.



Interessante é observar que Lutero reflete igualmente a respeito do modo como o “ministério da pregação”<sup>18</sup> é levado adiante. É necessário, p. ex., que as pessoas que se dispõem a esse ministério conheçam as pessoas, o povo ao qual se dirigem, sua língua, cultura e também religião<sup>19</sup>. O conhecimento da cultura de outros povos não serve, para Lutero, como mero pano de fundo negativo e escuro sobre o qual deve brilhar a luz do Evangelho. Antes, ele reconhece conquistas culturais de outras nações, como os turcos, que merecem ser imitadas. No mais, “insiste na liberdade cristã”<sup>20</sup>. Nem o Evangelho nem muito menos a cultura do “missionário”<sup>21</sup> devem ser impostos a quem quer que seja. Não por último, a boa notícia de Cristo não deve ser promovida “através de poder político ou militar”, pois o “Evangelho é incompatível com qualquer tipo de obrigação, pressão ou violência”.<sup>22</sup>

## O modelo missionário

### *Consensos e dissensos*

A reflexão e a prática missionárias da IECLB acontecem à sombra de elementos como os mencionados. Outros tantos poderiam ainda ser acrescentados como fatores que, à sua maneira, de modo muito mais latente que explícito, fomentaram ou frearam o empenho missionário das suas Comunidades e seus membros. Entre as tantas ambivalências que acompanham a existência de uma instituição como a IECLB se conta a ambiguidade produzida pela perspectiva fundamentalmente positiva da atividade missionária da Igreja e de seus membros em Lutero, em contraposição à rejeição dessa prática entre aqueles que acreditavam ser os guardiões da teologia da Reforma. No longo prazo, mais do que os motivos alegados pelos representantes da Ortodoxia Luterana, a própria prática missionária oriunda da Europa e – entretanto também –

<sup>18</sup> LUTERO, Martinho. Missa alemã e ordem do culto. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7: Vida em Comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos – Hinos, p. 179.

<sup>19</sup> Para o que segue cf. FISCHER, 2001, p. 11-13.

<sup>20</sup> FISCHER, 2001, p. 12.

<sup>21</sup> Até onde vejo, Lutero não usa essa expressão. Por isso, coloco-a entre aspas. Talvez se pudesse falar, aqui, de “missionante”, em vez de “missionária/o”. Segundo BOSCH, 2014, p. 17, até o séc. XVI o termo “missão” era utilizado “exclusivamente como referência à doutrina da Trindade[.] Os jesuítas foram os primeiros a usá-lo em termos da difusão da fé cristã entre pessoas (incluindo protestantes)”. Para uma “teologia da missão” em perspectiva trinitária cf. o caderno de estudos produzido pela Federação Luterana Mundial: FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Departamento de Missão e Desenvolvimento. *Missão em contexto: transformação, reconciliação, empoderamento: uma contribuição da FLM para a compreensão e a prática da missão*. Curitiba: Encontro, Porto Alegre: IECLB, 2006. p. 25-29. O mencionado caderno de estudos adere à referência à “igreja missional” como expressão do fato de a missão ser tarefa delegada à Igreja toda, não apenas a indivíduos ou agências missionárias. Cf. FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 47-55.

<sup>22</sup> FISCHER, 2001, p. 12-13.



dos EUA produziu questionamentos e até críticas, na medida em que não conseguiu permanecer imune ao que Roberto Zwetsch denomina de “elitismo espiritual”, que separa “missionários e comunidade local”, ou de uma “atitude de superioridade cultural sobre os povos não-ocidentais e suas culturas”<sup>23</sup>. Tal atitude ameaçou e continua a ameaçar lançar em descrédito toda e qualquer prática missionária. No contexto latino-americano em que a IECLB se encontra, marcado por toda sorte de injustiça e violência, não por último em nome de Cristo, essa crítica continua atual como sempre. Não admira, pois, que atualmente não apenas de fora, mas também de dentro das Igrejas se levantem vozes (auto-)críticas à missão<sup>24</sup>.

Se, portanto, na atual conjuntura se desenha, ao menos entre direção da Igreja, ministras/os e lideranças, um consenso<sup>25</sup> quanto à necessidade e à legitimidade de missão, imperioso é que essas críticas sejam levadas em consideração para a reflexão e a prática da mesma. Pois esse consenso se constrói, por um lado, na contramão daquilo que David Bosch chama de “crise” da missão. A missão está em crise na medida em que se constata a ambiguidade dos resultados de atividades missionárias existentes mundo afora, que produziram frustrações e descontentamentos tanto entre missionários quanto entre grupos e povos missionados. Por outro lado, o aparente ou real consenso dentro da IECLB quanto à legitimidade da missão contrasta com o dissenso intraeclesial a respeito da compreensão e da prática da missão. Se vejo bem, especialmente a pergunta a respeito do modo de se conjugar o elemento querigmático com os componentes diaconal e profético da missão da Igreja é motivo de dissensão e acirramento de ânimos dentro das fileiras da denominação<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> ZWETSCH, 2009, p. 18. Cf. BOSCH, 2014, p. 17-21.

<sup>24</sup> Cf. BALZ, Heinrich. Verbete “Mission, Missionstheologie”. In: FAHLBUSCH, Erwin et al. (ed.). *Evangelisches Kirchenlexikon: internationale theologische Enzyklopädie*. 3. ed. (nova versão). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 3: L – R, col. 425-427. Ao mesmo tempo, chama a atenção a observação de Balz quanto à autocompreensão das chamadas “Igrejas jovens”: apesar de erros cometidos pelos missionários, elas “não [se percebem] primariamente como produto de colonização ocidental, mas como resultado de missão cristã legítima e necessária, condizente com a vontade de Deus” (“primär nicht als Produkt westl[icher] Kolonisation, sondern als Ergebnis legitimer und nach Gottes Willen notwendiger christl[icher] M[ission]”) [BALZ, 1992, col. 426].

<sup>25</sup> “A igreja cristã é essencialmente missionária. Esta afirmação é hoje consenso na IECLB” (HASENACK, Johannes Friedrich; BOCK, Carlos Gilberto (org.). *Fórum Nacional de Missão*. Blumenau: Otto Kuhr, 2007. (Fóruns IECLB III). p. 83. Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. *Dez mandamentos para igreja missionária: imperativos práticos para a reflexão na IECLB*. Porto Alegre: IECLB, 2001.

<sup>26</sup> Também no contexto internacional constata-se uma “polarização entre missão ‘evangelical’ e ‘ecum[ênica]’” (“Polarisierung von ‘evangelikaler’ und ‘ökum[enischer] Mission’”) (GENSICHEN, Hans-Werner. Verbete “Missionsgeschichte”. In: FAHLBUSCH, Erwin et al. (ed.). *Evangelisches Kirchenlexikon: Internationale theologische Enzyklopädie*. 3. ed. (nova versão). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 3: L – R, col. 455.



Mas, afinal, o que é missão? O estudioso sul-africano da missão David Bosch assinala “que em nenhuma época dos dois últimos milênios houve uma única ‘teologia da missão’”<sup>27</sup>, nem mesmo na Igreja Primitiva. Bem sabendo que nem todas as formas de compreensão do que seja missão podem ser harmonizadas entre si, Bosch propõe que é, sim, possível pensar distintas “teologias da missão” que não sejam mutuamente excludentes, mas complementares entre si. No que diz respeito à conceituação, Bosch entende que o termo “missão” não pode nem deve ser delineado com excessiva nitidez, permanecendo, em última análise, “indefinível”. Nesse sentido, eu diria, poderíamos falar de elementos que constituem a missão e de objetivos que ela quer alcançar, sem, no entanto, defini-la de modo exaustivo. Ou seja: não podemos dizer com absoluta precisão o que é missão, mas podemos elencar elementos que dela fazem parte.

#### *Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI)*

O Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI) parece trabalhar exatamente com essa percepção<sup>28</sup>. Enquanto Gottfried Brakemeier inicia seu opúsculo “Dez Mandamentos para Igreja Missionária” com uma definição de “missão”<sup>29</sup>, o PAMI não a define, mas se restringe a propor elementos que considera indispensáveis à prática de uma Igreja missionária, além de refletir sobre questões relacionadas a essa prática<sup>30</sup>. As dimensões da missão, conforme o PAMI, são *evangelização, comunhão, diaconia e liturgia*. Esses elementos remetem à reflexão missiológica das últimas décadas que, ao lado do *keerygma* e da *koinonia*<sup>31</sup>, percebem a *diakonia* e a *leiturgia* como elementos fundamentais da missão<sup>32</sup>. Coincidência ou não, certamente não<sup>33</sup>, esses elementos

<sup>27</sup> BOSCH, 2014, p. 25.

<sup>28</sup> PINTO, Homero Severo (org.). IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Missão de Deus, nossa paixão*: texto-base para o Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009. 82 p. [= (tradução alemã) PINTO, Homero Severo (org.). *Mission Gottes, unsere Passion*: Der Missionarische Aktionsplan der IECLB, 2008-2012. São Leopoldo: Sinodal, 2008. 94 p.]

<sup>29</sup> “Missão é o testemunho do evangelho na forma de um convite para abraçar a fé e juntar-se a uma comunidade comprometida a dar a glória a Deus e a promover a paz na terra” (BRAKEMEIER, 2001, p. 7 [no original em itálico]). Sem querer esgotar as possibilidades de interpretação da definição de Brakemeier, alguns aspectos podem ser destacados: 1) A correlação entre “testemunho do evangelho” e “fé”, bem de acordo com a tradicional correlação luterana entre “Palavra” e fé; 2) A inserção da fé pessoal em contexto comunitário; 3) A concomitância de fé (“dar glória a Deus”) e amor (“promover a paz na terra”).

<sup>30</sup> Para outra abordagem de um teólogo luterano brasileiro cf. a sugestão de uma “missão como com-paixão” desenvolvida em ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2015. p. 309-387.

<sup>31</sup> Cf. “Palavra e sacramentos” como as marcas características que, na tradição confessional luterana, identificam a Igreja de Jesus Cristo (Confissão de Augsburgo: confissão de fé apresentada ao invictíssimo imperador Carlos V, César Augusto, na Dieta de Augsburgo, no ano de 1530. In: *Livro de Concórdia*: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 31 [CA VIII]).

<sup>32</sup> Cf. BOSCH, 2014, p. 609-610.



remetem a At 2.42, onde Lucas descreve a Igreja Primitiva como uma Comunidade em que os cristãos “perseveravam na [1] doutrina dos apóstolos [= *kerygma*] e na [2] comunhão [= *diakonia*], no [3] partir do pão [= *koinonia*] e nas [4] orações [= *leiturgia*]<sup>34</sup>. Segue-se o alerta de Bosch no sentido de se evitar uma definição total do que seja missão e observa-se o uso originário de *missio*<sup>35</sup> como relativo à Trindade e, portanto, como descrição do agir *de Deus*, não da Igreja, então os quatro elementos citados indicam aspectos que, na compreensão de missão na IECLB, são imprescindíveis<sup>36</sup>, mas não necessariamente exclusivos<sup>37</sup>. Dentro da reflexão do PAMI, cada um

<sup>33</sup> Cf. as referências na primeira edição do PAMI: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Recriar e criar comunidade juntos*: nenhuma comunidade sem missão, nenhuma missão sem comunidade. Porto Alegre: IECLB, 2000. p. 4, 14.

<sup>34</sup> Claro é que as identificações propostas na citação bíblica são apenas aproximações. Talvez especialmente relevante seja esclarecer que a “comunhão” de At 2.42 não se refere à comunhão eucarística, mas à comunhão de bens (ou seja: diaconia), ao passo que o “partir do pão” tem em mente a Ceia do Senhor, e não o apoio à pessoa necessitada. Cf. ROLOFF, Jürgen. *Die Apostelgeschichte*. In: STUHLMACHER, Peter (ed.). *Das Neue Testament Deutsch*. 2. ed. desta versão: Göttingen; Zürich: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988. v. 5, p. 64-68.

<sup>35</sup> O Novo Testamento não conhece um substantivo equivalente àquilo que, em que pese a falta de nitidez, chamamos de “missão”. A tradução revista e atualizada de João Ferreira de Almeida (1993) recorre à expressão para traduzir *diakonia* em At 12.25, e 1Tm 2.15 diz respeito a outra questão. Não surpreende, pois, que uma obra do porte do *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* não faça referência a “missão” em seu índice geral (embora mencione “missionário”) (cf. COENEN, Lothar; BROWN, Colin [org.]. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon CHOWN. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. II: N-Z, p. 2760). Sinal dos tempos, a nova versão do original alemão da mencionada obra organizada por COENEN/BROWN, por sua vez, dá atenção ao tema ao trazer o verbete “Envio/Missão” (“Sendung/Mission”) (cf. HAACKER, K.; STUDEMUND, R. Verbetes “Sendung/Mission”. In: COENEN, Lothar; HAACKER, Klaus (ed.). *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*. Edição revisto. Wuppertal: Brockhaus; Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1997/2005. p. 1654-1667). Semanticamente equivalentes, na greidade antiga, os verbos *apostellô* e *pepô* designam primordialmente eventos em contextos militar ou de política externa. Na Septuaginta, são usados especialmente para qualificar o ministério dos profetas, enviados por/de Deus. Já no Novo Testamento, ao lado do uso coloquial para identificar pessoas enviadas a cumprir alguma tarefa específica de curto prazo, ganha destaque o envio, por parte de Jesus, de seus seguidores para a tarefa da “missão”. No intuito de não estender excessivamente a presente nota, seja aqui apenas referenciado Jo 20.21, em que o duplo uso de *apostellô*, na boca de Jesus, é traduzido pela Vulgata com o verbo “mitto”/“mittere” (“eu envio”/“enviar”): “sicut misit me Pater et ego mitto vos” (WEBER, Robert; GRYSON, Roger [org.]. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007). Enquanto a primeira parte da afirmação de Jesus (“o Pai me enviou”) encontrou ingresso nas reflexões cristológicas e trinitárias da Igreja, desde tempos antigos (cf. BALZ, 1992, p. 431), a segunda parte de Jo 20.21 (“eu também vos envio”) dá o fundamento para o que se convencionou denominar de “missão”. Não por último, o envio de Jesus sinaliza que o sujeito da missão é Deus, a cujo serviço a(s) Igreja(s) se encontra(m). Para indicações bíblicas relativas a cristologia, pneumatologia e Trindade cf. PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988. v. 1. p. 326-335; [Cap. 5.3] 332; Rm 8.3; Gl 4.4; Jo 3.17; 8.16 e Jo 14.26; 15.26; 16.7.

<sup>36</sup> Entre os quais consta, obviamente e antes de todos os demais, o Batismo.

<sup>37</sup> Como bem indica ROLOFF, 1988, p. 64-68, o sumário da vida da Igreja Primitiva, em Jerusalém, não se restringe a At 2.42, mas abrange também At 2.43, onde, como quinta “nota ecclesiae”, é mencionado que “sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos”; que “em cada alma havia temor” reflete, assim Roloff, a reação do povo diante dos sinais operados pelos apóstolos. Atos 2.44-47 comenta os quatro elementos mencionados em At 2.42. Seria a afirmação de At 2.47b – “acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” – constatação da consequência da quinta marca característica da Igreja? E, de forma um pouco provocativa: estaria aqui a chave para o “sucesso” ou “insucesso” missionário de Igrejas e agências de missão? Admitido seja que o presente artigo se associa a uma compreensão de milagre conforme proposta por BULTMANN, Rudolf. A questão do milagre. In: BULTMANN, Rudolf. *Demitologização*: coletânea de ensaios. Trad. Walter Altmann e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999. Série Teologia Sistemática a-9. p. 105-119. Bultmann sustenta que o milagre não se dá



dos quatro *eixos* citados é perpassado por três chamados *temas transversais* – educação cristã, sustentabilidade e comunicação. Dentro do horizonte assim traçado, a missão tem um componente interno, voltado à edificação da Comunidade e seus membros, e externo, com vistas a ultrapassar as próprias fronteiras.

A missão da qual a IECLB se vê participante é *missão de Deus*, o Pai Criador, Filho Salvador e Espírito Santificador. A IECLB se compreende, portanto, como instrumento desse Deus apaixonado, que sofre com a perdição, a angústia, a fraqueza e a necessidade não apenas humanas, mas de todas as criaturas<sup>38</sup>. A todas as pessoas Deus faz pregar o Evangelho, de modo que Igreja de Jesus Cristo é, em sua essência, igreja *evangelística*. O Evangelho testificado em palavra e sacramentos anuncia boa notícia em Cristo, “perdão, vida e salvação”, na linguagem do Catecismo Menor, de Lutero<sup>39</sup>. Evangelização é serviço contínuo da Igreja. Embora possa recorrer a eventos não ordinários, a evangelização faz parte do dia a dia da Comunidade cristã, não se restringindo a acontecimentos pontuais. Proclamação evangelística condizente com o Evangelho – perdoem-me a redundância – se abstém de “apelos e chantagens” e concede ao ouvinte a liberdade de escolha, bem sabendo que a fé não é obra humana, mas dom do Espírito de Deus. Não por último, a evangelização somente pode ter esperança de frutificar quando e onde se der em um espaço de acolhimento por parte da Comunidade em relação a pessoas de fora que com ela entram em contato.

Ao explanar o segundo elemento característico de uma Igreja missionária, o PAMI fala da *comunhão* a partir da experiência fundante e fundamental de comunhão que é a Ceia do Senhor. A comunhão na e a partir da mesa de Cristo não nivela as diferenças entre os membros da Comunidade, mas possibilita a prática da tolerância e do cuidado entre irmãs e irmãos em Cristo. Essa comunhão em Cristo não se fecha em si mesma, mas está aberta para quem vem de fora e disposta a ir ao encontro do outro. Ancorada no Evangelho e reunida em comunhão com Cristo e com as pessoas, a Comunidade missionária pratica a *diaconia* e “luta por vida digna, não só” para si, “mas também [para o] mundo”<sup>40</sup>. O PAMI percebe na diaconia uma oportunidade especial de

“como ruptura do nexos baseado em leis do processo natural” (105), mas na fé que percebe o agir de Deus em meio às ambivalências da vida bem como dos fenômenos naturais. Visto por esse prisma, o quinto elemento de At 2.42-43 poderia ser diluído entre os quatro primeiros, aos quais se atribuiria – especialmente na perspectiva da pergunta a respeito da cura – uma espécie de “potencial terapêutico”. Cf., porém, o alerta contra a instrumentalização da fé em ZIMMERLING, Peter. *Charismatische Bewegungen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009. p. 177-180.

<sup>38</sup> Cf. PINTO, 2009, p. 31-35.

<sup>39</sup> Cf. LUTERO, Martinho. Enquirídio: Catecismo Menor do Dr. Martinho Lutero para os pastores e pregadores indoutos. In: *Livro de Concórdia*, 1997, p. 379.

<sup>40</sup> PINTO, 2009, p. 47.



testemunho cristão que contribui para fortalecer a atratividade da Igreja. O culto como espaço *litúrgico* destacado, por fim, congrega a Comunidade e conjuga os elementos individual e comunitário da fé. Deus é Deus de comunhão triúna. Assim também a Comunidade vive, testemunha e pede por comunhão e reconciliação dentro dela e entre todas as criaturas.

A fim de fomentar os quatro elementos característicos da Comunidade missionária, o PAMI propõe ainda três *eixos transversais*. É necessário, primeiramente, *educar* as pessoas batizadas para a vivência do sacerdócio cristão. Além disso, cumpre administrar de forma responsável os *recursos*, não apenas, mas também financeiros, refletindo, p. ex., sobre formas adequadas de captação desses recursos, de modo a não sobrecarregar ninguém e fortalecer a consciência da contribuição por fé, gratidão e compromisso. Não por último, é preciso desenvolver a capacidade de *comunicação* da Comunidade e da Igreja, a fim de que ela se torne mais visível e audível no meio em que transita e seja perceptível como testemunha, em palavras, gestos e ações, do Cristo crucificado.

### *Missão e missiologia do crucificado e da cruz*

Penso que o PAMI é um bom subsídio para a prática missionária da IECLB e pode mesmo servir de inspiração para outras Igrejas, luteranas ou não. Em meio a divergências e tensões existentes na Igreja, o PAMI não apenas reflete como também fomenta e alimenta um consenso mínimo – que não precisa ser minimalista – das diversas correntes na IECLB quanto à tarefa da qual está incumbida. Necessário é, quem sabe, que as bonitas ideias saiam do papel e se tornem realidade no dia a dia das comunidades. Há quem diga que o tema “missão” já chegou à cabeça da IECLB e de seus membros, mas ainda não aos corações e, por conseguinte, às mãos e aos pés. As comunidades e seus fiéis são tímidos e retraídos. Constata-se que há dificuldade de sair da zona de conforto, de se abrir ao que está fora e ir ao encontro de quem é estranho. Talvez, porém, o característico acanhamento não seja necessariamente falta de “coração”, mas apenas expressão de determinada cultura, história ou índole.

O que, à primeira vista, parece ser limitação ou até defeito pode, para um segundo olhar, tornar-se virtude<sup>41</sup>. Enquanto, por um lado, vivemos em um mundo que privilegia a extroversão e a presença midiática, há, por outro lado, também aqueles que percebem nas pessoas tímidas e

---

<sup>41</sup> Sobre “pontos fracos e fortes” na teologia de Lutero quanto à missão fala BRANDT, 2006, p. 55-59. Cf. ZWETSCH, 2009, p. 19-24.



acanhadas qualidades como persistência, confiabilidade, talvez também tolerância<sup>42</sup>. Virtudes assim, podem, no médio e longo prazo, ser importantes e úteis. Quero crer que também para a IECLB vale algo desse tipo. Se, por um lado, seu testemunho e sua presença na sociedade podem parecer encabulados e até desajeitados, talvez eles tenham, por outro lado, algumas virtudes e qualidades que serão perceptíveis apenas a um segundo ou até terceiro olhar. Essa expectativa, evidentemente, não deve escamotear efetivas limitações, erros e até culpas que exigem mudança e mesmo arrependimento.

Sem recorrer a esse paralelo na psicologia, mas à teologia da cruz, de Lutero, Wilhelm Wachholz propõe elementos do que ele chama de uma “missão fraca” para uma Igreja “conformada” com Cristo, i. e., que carrega a forma de ser de Jesus<sup>43</sup>. Conforme Wachholz pontua, apenas podemos conhecer a Deus através do Cristo crucificado. A experiência com Deus e o falar sobre Ele não se dão na especulação que quer tornar Deus objeto do saber humano, mas no risco, na insegurança e no sofrimento daquela pessoa concreta da qual fala o Novo Testamento. Conhecer esse Deus que assim se manifesta é conhecer um Deus fraco, que se esvazia. Inversamente, querer conhecer a Deus “fora de Jesus” é, como já dizia o Reformador, “coisa do diabo”<sup>44</sup>. Quem, porém, em Jesus Cristo crucificado conhece a Deus conhece também a si mesmo, na medida em que aprende a reconhecer-se como pecador. Assim é porque a cruz de Jesus é denúncia contra a maldade humana, maldade de toda uma humanidade representada nessa uma condenação injusta daquele um inocente, dois milênios atrás. Somente como tal a cruz de Cristo é também anúncio da bondade e da salvação de Deus.

Em Cristo, Deus sai de si mesmo. Deus é, portanto, o primeiro missionário. Ele vai ao encontro do outro, da sua criatura. Deus se esvazia, torna-se frágil e pequeno em Jesus Cristo, a fim de estar junto daquilo que é seu<sup>45</sup>. A Igreja que segue os passos de Jesus, por sua vez, não pode buscar para si condição diferente da que viveu seu Senhor. A Igreja que, como seguidora de Cristo, não toma sua cruz sobre si, não vive segundo a *kenosis* divina em Cristo sucumbe à tentação de compreender “a missão como manutenção institucional e [como] crescimento numérico de seus fiéis”<sup>46</sup>. A Igreja que não se esvazia torna-se refém do desejo de dominar as

<sup>42</sup> Cf., p. ex., CAIN, Susan. *O poder dos quietos: como os tímidos e introvertidos podem mudar um mundo que não para de falar*. Tradução de Ana Carolina Bento Ribeiro. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

<sup>43</sup> Para o que segue cf. WACHHOLZ, Wilhelm. Por uma religião e missão ‘fracas’ à luz da cristologia de Lutero. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (org.). *Religião, política, poder e cultura na América Latina*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p. 253-263.

<sup>44</sup> WACHHOLZ, 2012, p. 254.

<sup>45</sup> Cf. Jo 1.11.

<sup>46</sup> WACHHOLZ, 2012, p. 255.



peças que lhe são confiadas e do desejo de subtrair-lhes a liberdade cristã concedida em Cristo. A Igreja missionária que carrega a sua cruz em seguimento ao Cristo crucificado é, por conseguinte, Igreja que não define sua própria missão. A tarefa que lhe é confiada e à qual é enviada é “definida pelo outro, isto é, pela enfermidade, pelo pecado, pela injustiça, pela morte”<sup>47</sup>. Resumindo: é “a condição do outro” que dá contorno concreto à forma como a Igreja participa da *missio Dei* no mundo.

A cristologia é, portanto, a fonte e o critério fundamental para o testemunho e a vida da Igreja. Ela anuncia o Cristo crucificado e vive conforme esse Cristo crucificado. Evita, por isso, força humana, pois sabe que “onde entra a força humana, a força de Deus se retira”<sup>48</sup>. A fraqueza que a Igreja conscientemente toma sobre si diz respeito também ao pecado. A Igreja de Jesus Cristo não tem justiça própria, mas vive, ela mesma, do perdão que tem a anunciar. Sua dignidade não provém de eventuais méritos próprios, mas lhe é declarada gratuitamente. A Igreja de Jesus Cristo é Igreja cheia de debilidades, fraquezas e fracassos. Ela faz bem em reconhecê-los, a fim de que não incorra no erro de proferir condenações e juízos que não lhe competem. Reconhecendo-se limitada e falha, a Igreja de Jesus Cristo e a IECLB, como parte do Corpo de Cristo universal, propõem-se a dar o seu testemunho, em palavras, gestos e ações. Assim fazendo, não se conformam, de maneira fatalista, a seus erros e imperfeições, antes buscam superá-los; evitam, porém, “a construção de uma santidade que se afasta da graça”<sup>49</sup>. Sabedora de que vive da misericórdia divina, a Igreja de Cristo é incentivada e capacitada ao anúncio e à prática da misericórdia. A força da Igreja está no poder de Deus que é “aperfeiçoado na fraqueza”<sup>50</sup>: na fraqueza de Deus em Cristo; na fraqueza da Igreja e seus membros; e na fraqueza daquelas e daqueles aos quais dirige seu testemunho. Apenas “uma Igreja que se reconhece como simultaneamente justa e pecadora”, conclui Wachholz, “assumirá a *missio Dei* não como colonização do outro, mas como”<sup>51</sup> instrumento de reconciliação entre Deus e as pessoas, das pessoas entre si e também de cada qual consigo mesmo.

---

<sup>47</sup> WACHHOLZ, 2012, p. 257.

<sup>48</sup> WACHHOLZ, 2012, p. 258.

<sup>49</sup> WACHHOLZ, 2012, p. 261.

<sup>50</sup> 2Co 12.9.

<sup>51</sup> WACHHLOZ, 2012, p. 262.



### *Liberdade cristã: entre culpa, medo e recompensa*

A referência à cruz, ao *simul iustus et peccator* e ao que Wilhelm Wachholz denomina de “entresser” (“Zwischen-sein”)<sup>52</sup> nos remete a mais um elemento característico da teologia de Lutero, à qual, brevemente, já fiz referência nesta explanação. Penso, aqui, na liberdade cristã e no *Tratado* sobre ela que o Reformador escreveu, em latim e alemão, em 1520<sup>53</sup>. Ele dialoga com elementos que alguns têm visto como sendo característicos de um número significativo de Igrejas em nosso contexto brasileiro. Esses elementos são: culpa, medo e desejo de recompensa.

Ao colocar o perdão dos pecados no centro da sua teologia, Lutero tratou também da questão da culpa. Ele entende que a função daquela Palavra de Deus que ele chama de Lei é, exatamente, declarar ao ser humano o seu pecado e, também, a sua culpa. Ao fazê-lo, porém, Lutero não tem a intenção de prender as pessoas, mas de anunciar libertação de pecado e culpa. Sabidamente, Lutero não concebe o pecado primordialmente como conceito moral ou psicológico, mas a partir do Primeiro Mandamento. Como encurvado em si mesmo, o ser humano é culpado do egoísmo, de querer ser seu próprio deus e, em consequência, de maltratar, pisotear o seu semelhante e as demais criaturas. Desse pecado todas as pessoas são acusadas, indistintamente. Ensimismado na incredulidade, o ser humano é incapaz de dar a Deus a honra que lhe é devida e permanece cego em relação ao seu próximo, negando-lhe o amor que lhe é ordenado por Deus. Ao mesmo tempo, porém, que Lutero acentua esse uso da lei divina que acusa a todos nós, destaca ainda muito mais o anúncio do Evangelho que liberta para crer em Cristo e amar ao semelhante. Assim fazendo, Lutero pode, então, também olhar para o papel social que cada qual exerce e perceber que, nas relações humanas que constituem a sociedade, as pessoas não são todas iguais, antes algumas carregam mais culpa do que outras, devendo, por isso, também ser chamadas à devida responsabilidade. Em nosso contexto religioso brasileiro, especialmente o chamado “evangélico”, essa dupla percepção me parece ser especialmente relevante. Pois, por um lado, onde se espera anúncio de perdão e libertação das consciências diante de Deus, parece preponderar a mensagem da acusação e da culpa que amarra e prende. Por outro, onde pessoas deveriam ser chamadas à responsabilidade por seu semelhante e também por si mesmas, anuncia-se uma liberdade irrestrita focada apenas no indivíduo.

<sup>52</sup> WACHHOLZ, 2012, p. 262.

<sup>53</sup> Cf. a tradução da versão latina em LUTERO, Martinho. *Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2: O programa da Reforma: escritos de 1520. p. 436-460.



Não apenas culpa, mas igualmente medo e anseio por recompensa foram objeto das reflexões de Lutero, no *Tratado da liberdade cristã*. Também nesses aspectos, ele se revela extremamente atual. Repetidas vezes, Lutero faz referência à religiosidade que é movida ou pelo medo de punição ou pela expectativa de receber recompensa. A fé em Cristo liberta e é livre dessas duas alternativas. Ao medo de punição divina já fiz breve referência. Mas há ainda outras formas de medo sendo fomentadas. Refiro-me aqui, especialmente, a uma cosmologia dominada por demônios e toda sorte de forças sobrenaturais do mal. Lutero também vivia em um mundo cheio de demônios<sup>54</sup>, assim como o mundo de Jesus igualmente os conhecia<sup>55</sup>. Mas Lutero via o diabo e todas as suas forças – pecado, morte e inferno – dominados e vencidos por Jesus Cristo. Ao menos no que diz respeito a algumas Igrejas midiáticas do nosso Brasil, tem-se, regularmente, a impressão de que o poder do maligno prepondera. Uma Igreja luterana, comprometida com o testemunho de Cristo, há de testemunhar a vitória de Deus sobre todas as forças demoníacas sobrenaturais. Ao mesmo tempo, propõe-se a denunciar as forças demoníacas muito naturais que existem por aí, em tantas distorções e perversões que levam pessoas a frustração, desespero e a ansiar por soluções miraculosas para seus problemas<sup>56</sup>.

E, não por último, a expectativa de recompensa. A Escritura e Lutero convergem na convicção de que Deus criou um mundo bonito e rico, abundante de bens que devem e podem encher de alegria a vida de todas as pessoas. A realidade das relações entre os seres humanos, entretanto, não condiz com essa boa criação e bom propósito divinos. Alguns têm demais; outros, muito pouco ou quase nada. No *Tratado da liberdade cristã*, Lutero faz referência àquelas pessoas que julgam poder alcançar a benevolência divina através de religiosidade ou moralidade. Em nossos dias, tal qual as indulgências, a benevolência divina foi, por assim dizer, secularizada. Não conquistamos mais bens eternos através da religiosidade, mas bens terrenos. Uma Igreja luterana missionária precisa dialogar com tais tendências. Ela percebe como ideologias e

<sup>54</sup> A importância do diabo para o pensamento de Lutero é descrita em LOHSE, Bernhard. *Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995. p. 270-272, e em ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Trad. Horst Reinhold Kuchenbecker. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2008. p. 178-185 [= ALTHAUS, Paul. *Die Theologie Martin Luthers*. 6. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Mohn, 1983. p. 144-150].

<sup>55</sup> Cf. as observações diferenciadas relativas ao mundo grego, ao Antigo Testamento, ao judaísmo antigo e ao Novo Testamento em BIETENHARD, H. Verbete “Demônio”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. I: A-M, p. 513-518, as quais indicam semelhanças com crenças ainda atuais, em pleno séc. XXI. Cf. ainda BIETENHARD, H.; BROWN, C.; WRIGHT, J. Stafford. Verbete “Satanás, belzebu, diabo, exorcismo”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. II: N-Z, p. 2271-2280.

<sup>56</sup> Cf. ZIMMERLING, 2009, p. 33-43.



expectativas de vida dominantes na mídia e na sociedade se infiltram também na Igreja de Cristo e nas diversas denominações. Ilusório seria imaginar que isso somente acontece em outras Igrejas. Uma Igreja missionária comprometida com o Evangelho de Jesus Cristo, na tradição da Reforma Luterana, sabe e dá testemunho do anseio de Deus por vida boa para todas as pessoas e todas as demais criaturas. Baseada no Evangelho, porém, resiste à tentação de barganhar com Deus e de tentar transformar a bondade do Pai em direito, a serviço de interesses egoístas. Baseada no Evangelho, a Igreja de Jesus Cristo e, como parte dela, também Comunidades luteranas resistem à tentação de anseios desmesurados que extrapolam o justo desejo por vida boa para si. Tal resistência se faz, atualmente, tanto mais necessária no contexto de destruição da Criação do qual fazemos parte. Não por último, a busca pela bênção divina e pela vida boa não pode excluir o cuidado e a responsabilidade para com o semelhante que também quer vida boa e para com o conjunto da sociedade, que precisa de relações justas e pacificadas para poder subsistir<sup>57</sup>.

## Considerações finais

O mesmo Lutero que falou da liberdade cristã, no *Tratado* de 1520, no mesmo tratado também afirmou o sacerdócio real de todas as pessoas crentes. Temos aqui um dos dói-dóis das Igrejas Luteranas. Pois, por um lado, há a sensação de que esse sacerdócio geral não vai muito além de um belo discurso que não se concretiza na prática. Há quem julgue ter que constatar que a IECLB é mais “pastorcentrista” que o monopólio sacerdotal da Igreja Católica<sup>58</sup>. Não sei avaliar essa impressão, mas, em minhas atividades pastorais e acadêmicas no âmbito da IECLB, tenho

<sup>57</sup> Cf. as poucas observações referentes à chamada “teologia da prosperidade” em ZIMMERLING, 2009, p. 174-177, bem como a extensa apresentação e análise de ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça*. São Paulo: Mundo cristão, 2005. A “confissão positiva”, característica da teologia da prosperidade, ameaça reverter em seu contrário, pois onde o “direito à felicidade” não se cumpre, a promessa se transforma em acusação. Em última análise, culpa, medo e expectativa de recompensa revelam-se como lados distintos de uma mesma moeda (cf. ZIMMERLING, 2009, p. 177-180; ROMEIRO, 2005, p. 89-120).

<sup>58</sup> Essa avaliação – caso confirmada – é relevante, tendo em vista que o ideal do “sacerdócio geral” ou “real” propugnado por Lutero almeja, exatamente, a superação do monopólio sacerdotal, conforme – supostamente ou de fato – existente na Igreja Católica. Cf. LUTERO, Martinho. *À nobreza cristã de nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2: O programa da Reforma: escritos de 1520. p. (277)279-340. Segundo Lutero, o sacerdócio não está restrito a uma elite institucionalizada (“ordenação pelo bispo”; LUTERO, 1989, 282), mas é dignidade atribuída a todas as pessoas batizadas crentes. Cf. também LOHSE, 1995, p. 308-310 e sua indicação da distinção entre “sacerdócio” e “ministério”. Todas as pessoas batizadas crentes são sacerdotes e sacerdotisas, incumbidas do ensino evangélico, e autorizadas por Cristo a ouvir a confissão e declarar o perdão à irmã e ao irmão penitentes. Nem todas as pessoas, porém, têm chamado para a pregação pública da Palavra de Deus e a administração dos Sacramentos: esse chamado cabe ao ministério (latim: “serviço”) para isso ordenado. O uso da forma “pessoas batizadas crentes” leva em consideração o fato de Lutero vincular o sacerdócio geral, às vezes, ao Batismo; outras vezes, à fé. Nem aquele, porém, pode estar sem esta, assim como esta não pode estar sem aquele.



encontrado um número expressivo de ministras e ministros sobrecarregados, cansados, frustrados. São pessoas que, por outro lado, queixam-se de um poder excessivo que estaria sendo delegado aos assim chamados “leigos”, sem que, ao menos, esse poder seja ladeado por um acréscimo em termos de responsabilidade pela vida da Comunidade e pelo testemunho evangélico. No mais, a concepção de sacerdócio geral relativizou – ainda que não tenha negado – a importância da Igreja enquanto instituição<sup>59</sup>. Aqui vejo um dos muitos desafios a uma Igreja missionária de cunho luterano. Também o PAMI o percebe, quando constata que a “religião, em boa medida, foi deslocada para a esfera subjetiva, para a vivência nos espaços privados”<sup>60</sup>, dissociada da vivência de e em Comunidade. Essa constatação se insere entre os muitos desafios colocados pelos “contextos em transformação” nos quais nos encontramos, na cultura, economia, política, etc.

Um dos sintomas marcantes das transformações pelas quais nossas sociedades têm passado tem a ver com o fenômeno das migrações. Guerras, fomes, catástrofes naturais e outros fatores têm, ao longo da história, levado pessoas e grupos a migrarem, deixarem seus locais de origem em busca de melhores condições de vida em outros lugares. Os últimos anos têm nos confrontado de maneira especialmente aguda com esse drama de milhões de pessoas nas mais diversas partes do mundo. A própria IECLB é, na sua origem, uma Igreja de imigração. No transcurso da sua história, continuou sendo Igreja de migrantes. Nos primórdios, nossos membros cruzaram um oceano em busca de vida boa para si e para os seus. Mais tarde, muitos deles participaram de ondas migratórias internas no nosso país, p. ex., do Sul para o Centro-Oeste e o Norte do Brasil. Na medida do possível, por vezes com atraso e de forma limitada, a Igreja tentou acompanhar esses seus membros. Graças à migração, a IECLB está hoje em muitos lugares em que, de outra forma, provavelmente não estaria. Ao lado dessas ondas migratórias entre diferentes regiões do país, ocorre também um processo de abandono das áreas rurais e mudança para os centros urbanos. Aqui temos um desafio especialmente grande. Nossos membros são desarraigados de suas localidades e Comunidades de origem, mas não conseguem fincar raízes nas Comunidades das grandes cidades, perdendo-se, muitas vezes, no anonimato das mesmas. Somando-se a tudo isso o fato de, não apenas nas cidades, mas de um modo geral, os

<sup>59</sup> Para uma espécie de “pré-história” do ideal luterano do “sacerdócio geral” em vertentes místicas, especialmente em contextos de participação feminina, cf. as indicações em LEPPIN, Volker. [V. 5] Espiritualidade na Idade Média tardia. In: KAUFMANN, Thomas et al. (org.). *História Ecumênica da Igreja 2: da alta Idade Média até o início da Idade Moderna*. Trad. Irineu Rabuske. São Paulo: Loyola: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 207-214. De antemão excluídas do sacerdócio institucionalizado, não admira que elas estivessem interessadas em descobrir outras formas de compreensão do sacerdócio, não subordinadas à hierarquia eclesial.

<sup>60</sup> PINTO, 2009, p. 10-11. Cf. BOSCH, 2014, p. 333.



avanços tecnológicos e as mudanças culturais estarem tornando cada vez mais difícil a transmissão da tradição da fé de pais para filhos e netos, tem-se uma ideia dos desafios missionários que se apresentam.

Não por último, cumpre lembrar os compromissos ecumênicos e de diálogo assumidos pela IECLB<sup>61</sup>. Levando adiante a reflexão de Wilhelm Wachholz, eu diria que esses compromissos expressam um pouco da fraqueza correspondente à mensagem sobre o Cristo crucificado. Não queremos nos deixar levar por um espírito de competição que precisa manchar a reputação de outro para ser bem-sucedido. Ainda que haja diferenças e até divergências em relação a outras Igrejas e demais convicções religiosas<sup>62</sup>, elas não podem servir de justificativa para difamação e concorrência desleal. Assim, penso ser natural que a IECLB procure ser atrativa e relevante, também que esteja interessada em sua própria preservação. Esses fins, porém, não justificam todos e quaisquer meios, mas pedem por formas de testemunho que correspondam ao Evangelho.

Que futuro tem a IECLB? Falo por mim: não sei e chego às vezes a temer por ela. Felizmente, o futuro pertence àquele que é Senhor da Igreja e de todas as coisas. Cem anos atrás, alguns imaginavam que seria questão de apenas algumas décadas para que o mundo todo fosse cristianizado<sup>63</sup>. Enganaram-se, como entrementes sabemos. Quem sabe, a história venha a refutar também os meus temores.

## Referências

- A BÍBLIA SAGRADA. Antigo e o Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de ALMEIDA. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Trad. Horst Reinhold Kuchenbecker. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2008.
- ALTHAUS, Paul. *Die Theologie Martin Luthers*. 6. ed. Gütersloh: Gutersloher Verlagshaus Mohn, 1983.
- APPOLD, Kenneth. Verbete “Meisner, Balthasar”. In: BETZ, Hans Dieter et al. (ed.). *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2002. v. 5, col. 996.

<sup>61</sup> “[Art. 5º; § 2º] A natureza ecumênica da IECLB se expressa pelo vínculo de fé com as igrejas no mundo que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador” (IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição da IECLB*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1> . Acesso em: 04 jan. 2022.

<sup>62</sup> Cf. alguns elementos de diferenciação em relação a católicos e carismáticos em BRANDT, 2006, p. 52-55.

<sup>63</sup> Cf. BOSCH, 2014, p. 25.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

- BACHMANN, E. Theodore. Verbete “Lutherische Kirchen”. In: FAHLBUSCH, Erwin et al. (ed.). *Evangelisches Kirchenlexikon: internationale theologische Enzyklopädie*. 3. ed. (nova versão). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 3: L – R, col. 194-208.
- BALZ, Heinrich. Verbete “Mission, Missionstheologie”. In: FAHLBUSCH, Erwin et al. (ed.). *Evangelisches Kirchenlexikon: internationale theologische Enzyklopädie*. 3. ed. (nova versão). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 3: L – R, col. 425-444.
- BIETENHARD, H. Verbete “Demônio”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. I: A-M, p. 513-518.
- BIETENHARD, H.; BROWN, C.; WRIGHT, J. Stafford. Verbete “Satanás, belzebu, diabo, exorcismo”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. II: N-Z, p. 2271-2280.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2014.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Dez mandamentos para igreja missionária: imperativos práticos para a reflexão na IECLB*. Porto Alegre: IECLB, 2001.
- BRANDT, Hermann. Missão como marca da Igreja (*nota ecclesiae*): a contribuição da missão luterana para a edificação de comunidade. In: BRANDT, Hermann. *O encanto da missão: ensaios de missiologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal; EST; CEBI, 2006. p. 44-69.
- BULTMANN, Rudolf. A questão do milagre. In: BULTMANN, Rudolf. *Demitologização: coletânea de ensaios*. Trad. Walter Altmann e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999. Série Teologia Sistemática a-9. p. 105-119.
- CAIN, Susan. *O poder dos quietos: como os tímidos e introvertidos podem mudar um mundo que não para de falar*. Tradução de Ana Carolina Bento Ribeiro. Rio de Janeiro: Agir, 2012.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon CHOWN. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. II: N-Z.
- CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Confissão de fé apresentada ao invictíssimo imperador Carlos V, César Augusto, na Dieta de Augsburgo, no ano de 1530. In: *Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 23-93.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

- FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Departamento de Missão e Desenvolvimento. *Missão em contexto: transformação, reconciliação, empoderamento: uma contribuição da FLM para a compreensão e a prática da missão*. Curitiba: Encontro; Porto Alegre: IECLB, 2006.
- FISCHER, Joachim. Reforma luterana e missão. *Estudos Teológicos*, v. 41, n. 3, p. 5-21, dez. 2001.
- FLUCK, Marlon Ronald. Luteranismo ‘de missão’ no Brasil: um sonho irrealizável?: alguns estímulos a partir da ação dos obreiros de Basileia no século XIX. *Estudos Teológicos*, v. 32, n. 2, p. 172-191, 1992.
- INTERNATIONAL LUTHERAN COUNCIL. <https://ilc-online.org/> . Acesso em: 28 dez. 2021.
- LUTHERAN WORLD FEDERATION. <https://www.lutheranworld.org/content/member-churches>. Acesso em: 28 dez. 2021.
- GENSICHEN, Hans-Werner. Verbete “Missionsgeschichte”. In: FAHLBUSCH, Erwin et al. (ed.). *Evangelisches Kirchenlexikon: internationale theologische Enzyklopädie*. 3. ed. (nova versão). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 3: L – R, col. 445-456.
- HAACKER, K.; STUEDEMUND, R. Verbete “Sendung/Mission”. In: COENEN, Lothar; HAACKER, Klaus (ed.). *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*. Edição revista. Wuppertal: Brockhaus; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1997/2005. p. 1654-1667.
- HASENACK, Johannes Friedrich; BOCK, Carlos Gilberto (org.). *Fórum Nacional de Missão*. Blumenau: Otto Kuhr, 2007. (Fóruns IECLB III).
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição da IECLB*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1> . Acesso em: 04 jan. 2022.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Recriar e criar comunidade juntos: nenhuma comunidade sem missão, nenhuma missão sem comunidade*. Porto Alegre: IECLB, 2000.
- KAROTEMPREL, Sebastian. Verbete “Padroado-Propaganda-Konflikt”. In: BETZ, Hans Dieter et al. (ed.). *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003. v. 6, col. 791-792.
- KNUTH, Hans Christian. Verbete “Luthertum/Lutheraner II. Lutherische Kirchen in der Gegenwart”. In: BETZ, Hans Dieter et al. (ed.). *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2002. v. 5, col. 613-616.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

LEPPIN, Volker. [V. 5] Espiritualidade na Idade Média tardia. In: KAUFMANN, Thomas et al. (org.). *História Ecumênica da Igreja 2: da alta Idade Média até o início da Idade Moderna*. Trad. Irineu Rabuske. São Paulo: Loyola; Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 195-221.